



Heller (ao centro) nasceu em 1929 na Hungria. Perdeu os pais no Holocausto, apaixonou-se pelo marxismo, substituiu esse amor por Hegel. Diz não ver, para já, grandes pensadores no século XXI

MARTIN SCHUTT/EPA

cas temos de confiar que outras coisas são verdade. Sem se fazer isso nem sequer podes fazer perguntas. Foi esse o caso quando tinha 18 anos: questionava o comunismo húngaro, mas não questionava a substância do comunismo, isso só veio depois.

Quando?

O ponto de viragem foi a revolução [húngara] de 1956. Aí deixei de acreditar no leninismo, deixei de acreditar na dialéctica do materialismo... Continuei a considerar-me marxista, mas comecei a pensar mais sobre o que Marx e o marxismo significavam para mim, que tipo de marxista era... E comecei a escrever o meu primeiro livro ["Towards a Marxist Theory of Value"], até hoje muito popular.

E que marxista percebeu ser?

Considerava-me marxista porque aceitava a perspectiva comunista de Karl Marx, nomeadamente o tipo de alienação de que podes viver num mundo em que haverá apenas ética e não política, em que não há Estado, etc. Simpatizava com esta utopia. Por outro lado, acreditava que uma revolução política não pode ter sucesso.

Que tipo de revolução pode?

Uma revolução do dia-a-dia. O nosso estilo de vida, os nossos interesses de vida, têm de ser mudados. Aceitei estas coisas de Marx, mas também rejeitei outras, como o paradigma da produção e o papel de liderança do proletariado, princípios básicos do marxismo. Considerava-me

marxista no sentido em que já não vivíamos no século XIX e o marxismo podia dar resposta a estas necessidades de mudar o dia-a-dia. Foi uma coisa lenta.

Até que abandona de vez o marxismo.

Isso foi mais tarde, depois do Maio de 68, depois da Nova Esquerda, da intervenção soviética na Checoslováquia, etc. Aí comecei a expelir o projecto. Não os ideais, porque Karl Marx era um grande pensador. Um grande filósofo não é grande porque os seus dados empíricos estão correctos, mas sim pela forma como levanta questões. Pode dizer-se que Aristóteles ou Platão estão desactualizados, mas isso é um disparate, porque continuamos a ler Platão, Aristóteles e Marx hoje. As suas ideias não podem ser falsificadas, mesmo que os factos empíricos possam.

Voltando às revoluções: no debate ia dizer que "o problema com a revolução é...", mas foi interrompida por outro conferencista.

Ia contar a história do que aconteceu há uns tempos numa conferência com emigrantes cubanos. Um atrás do outro disseram "a nossa revolução foi traída". Isto deixou-me zangada e perguntei-lhes: "Que revolução é que não é traída? Apontem-me uma revolução que não tenha sido traída! Todas foram!" A questão não é a traição da revolução, mas como é que ela é traída. Quando uma revolução é traída, nem todos os sonhos da revolução se concretizam, é algo mais prosaico e compli-

cado. Algo contraditório surge e isso pode ser positivo. A revolução nazi foi terrível, Hitler tinha um projecto e nem tudo se concretizou, a revolução foi traída. A revolução soviética tinha um sonho humanista, um projecto de liberdade e igualdade, e foi traída. A Revolução Francesa foi traída? Claro, mas mudou o curso da história. Todas as revoluções são traídas e porquê? Porque são baseadas em ilusões e é esse o problema. As pessoas não podem ser mobilizadas sem ilusões.

A Primavera Árabe também foi traída.

É o último exemplo de revolução traída.

Criticou o Maio de 68 pela existência de uma certa ditadura do consenso.

Eu simpatizei com o Maio 68 desde o início, porque foi o primeiro movimento de esquerda a ser contra a União Soviética. Finalmente identificava-me com um movimento esquerdista que não apoiava o totalitarismo. Depois era jovem e simpatizava com um certo tipo de anarquia e com tudo o que se relacionava com a liberdade das pessoas e era absolutamente contra a violência. Então escrevi um artigo muito forte contra a violência a dizer que era exclusiva, porque com recurso à violência tiras a liberdade ao outro, e foi contra esse aspecto que me revoltei.

O que acha de movimentos como o Occupy Wall Street ou os Indignados?

São só performances. Não acho que tenham qualquer relevância histórica, não têm nada a ver com o Maio de 68, são uma

espécie de teatro público. Estão simplesmente a expressar desapontamento e a dizer "Não gostamos de vocês" sem terem qualquer projecto, sem saberem o que querem ter no lugar do que têm. O melhor de 68 foram os projectos que surgiram, de paz, de feminismo... Os primeiros movimentos de libertação gay começaram ali. **Alain Badiou diz que os jovens, até os que não estão envolvidos nestes movimentos ou que não acreditam neles...** Ouve, há estudantes encantadores nesses movimentos [risos], simplesmente não os levo politicamente a sério.

Mas dizia Badiou que os jovens têm de ser criativos para desencadear o próximo evento, que, diz ele, deve substituir o conceito de mudança.

Eu não concordo com isso, porque as grandes mudanças nunca foram eventos. Por exemplo: a grande mudança na Europa foi provavelmente o cristianismo, mas será isso um evento? Desenvolveu-se muito devagar, ao longo de séculos. A crucificação de Cristo foi um evento, mas não é o cristianismo. O mesmo com o feminismo hoje: que evento é? Não é. A questão do evento só é aplicável a revoluções políticas e poucas mudanças revolucionárias foram políticas.

Como olha a filosofia hoje em dia?

Acho que o século XX foi um grande século para a filosofia. Tivemos Wittgenstein, Heidegger, Michel Foucault... O que acontecerá no século XXI ainda não sei, mas para já não vejo grandes pensadores. **Então e Slavoj Žižek, que ia abrir esta conferência antes de ficar doente?**

Uma estrela pop não é um filósofo, desculpe. É outro estilo. Não tenho sentimentos negativos sobre estrelas pop, precisamos delas, temo-las na arte... Mas isso tem muito pouco a ver com filosofia.

E o que acha daqueles que falam no fracasso da modernidade?

Vá lá, que raio é isso do fracasso da modernidade? As pessoas adoram falar de fracços, de crises, do fim do mundo. Tudo o que é apocalíptico está em voga, é uma necessidade humana. E se a religião não nos dá o apocalipse temos de o procurar noutros sítios. Não levo isso a sério.